

# Ana Maria Lima Daou e o Rio de Janeiro: Memórias de um Curso Feliz

## Ana Maria Lima Daou and Rio de Janeiro: Memories of a Happy Course

Thomaz Menezes Leite<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

*“Querido Thomaz,  
Para agradecer mais um pouco e comentar que líamos outros autores, ouvimos  
música e conversamos muito sobre a cidade, um belo objeto de reflexão (...)  
Foi um curso feliz!  
Beijo”*

Ana Maria Lima Daou, e-mail, Rio de Janeiro, 2021

Foi uma grande tristeza a perda da professora Ana Maria Lima Daou no meio do ano de 2024. Ao saber da notícia, não pude deixar de lembrar de sua alegria, humor e generosidade, presentes no cotidiano dos corredores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse relato parte do desejo de publicar um registro de suas qualidades e características.

Minha relação com a professora Ana tem algo de peculiar: embora tenha sido formado na Geografia da UFRJ, não fui seu orientando nem na graduação, nem no mestrado ou no doutorado. De fato, somente no doutorado estive como seu aluno *stricto sensu* inscrito em sua disciplina “Seminário de Doutorado I” no primeiro semestre de 2019, ministrada em conjunto com as professoras Carla Madureira, Gislene Santos e Maria Naíse Peixoto. Mas nossa relação começou em momento anterior a esse.

Ana Daou participou da minha banca de qualificação de mestrado sobre as imagens usadas pelos geógrafos em seus trabalhos sobre o passado do Rio de Janeiro e com sua generosidade na leitura, trouxe questionamentos sobre os objetivos e métodos da investigação, além de sugestões de caminhos a tomar e recomendações de autores e textos. Foi ali também que descobriu mais explicitamente o tema que eu tratava na pesquisa e meu profundo interesse na cidade do Rio de Janeiro, sobre sua história e sobre os pesquisadores que trabalharam com o assunto, tema que também muito a mobilizava. Após a qualificação, desenvolvemos contínua troca de informações, questões e bibliografia sobre a capital carioca, e Ana me ofereceu gentilmente a oportunidade de montarmos e ministrarmos em conjunto um curso sobre o Rio de Janeiro para a graduação. Ansioso por essa experiência de formação, que também atendia as demandas do CNPq, aceitei a proposta, me inscrevendo no estágio-docência sob sua supervisão no semestre letivo de

---

<sup>i</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia. thomazml@ufrj.br.

2018.2. A experiência foi tão profícua que, mesmo não precisando realizar novamente tal estágio no doutorado, mais uma vez me matriculei sob sua supervisão, a fim de oferecermos o curso no semestre letivo 2019.2

Escolho nesse texto trazer essa experiência de docência conjunta com a professora Ana como ponto estruturante porque, além de poder falar a partir da vivência concreta particular, acredito que nestes dois cursos estiveram expressas muitas das suas qualidades e características marcantes. Ao mesmo tempo, penso que há uma necessidade em registrar por escrito um exemplo da contribuição da professora, dado o risco do esquecimento de um cotidiano tão valioso e profícuo, mas não tão perene na memória acadêmica.

Isto pois, por mais que possa haver documentos, como a ementa, os planos de aulas, os cadernos e cadernetas de campos dos alunos, trabalhos e avaliações deles, e, hoje em dia, registros digitais de contato (e-mails trocados, grupos no Facebook ou Whatsapp para avisos do cotidiano do curso), na maioria das vezes tais materiais são efêmeros ou não são valorizados. Não tornados públicos ou materializados, aulas e cursos podem passar a falsa impressão de um trabalho menor, menos importante e facilmente serem esquecidos, principalmente quando comparados a produções mais consagradas e perduráveis na academia, como artigos e livros. Nossas métricas de quantificação, avaliação e comparação da obra de um pesquisador usam parâmetros como citações e publicações, o que reforça o quadro.

Na universidade brasileira, sustentada no tripé de pesquisa, ensino e extensão, a falta de registro dos dois últimos, por mais que “apareçam no Lattes”, pode passar a falsa impressão, aos que não conviveram e conheceram um docente, de uma contribuição reduzida de alguém que se dedicou principalmente a tais pontos. Isso fora todos os variados cargos administrativos assumidos, participação em comissões e bancas, os trabalhos na organização, reformulação e implementação de políticas educacionais, a gestão de grupos de pesquisa, extensão ou estudos. Outros teriam mais propriedade de falar sobre esses importantes aspectos do trabalho da professora Ana, que muito se dedicou à extensão, à reformulação do curso de Licenciatura em Geografia na UFRJ, que foi coordenadora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura. Esse texto, contudo, tem como foco ressaltar seu papel em sala de aula a partir da memória de um curso.

Acredito ser importante para este relato frisar a escolha de Ana Maria Daou em, saindo de Manaus, vir para o Rio de Janeiro fazer sua graduação em Geografia na Pontifícia Universidade Católica. Também foi nesta cidade que prosseguiu sua educação, realizando o Mestrado e o Doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse transitar, de cidades, de campos científicos, de interesses, é uma característica de outro curso, seu próprio curso de vida e se reflete em sua produção, carreira e cotidiano. A vinda ao Rio de Janeiro marcou a professora, que tinha grande conhecimento e amor pela cidade. E, mais do que isso, tinha curiosidade para continuar descobrindo, vendo na capital fluminense uma fonte quase inesgotável de questões, informações e dados. Achava o cotidiano carioca instigante e animado, comprando e lendo obras sobre a cidade, frequentando exposições, e participando de pesquisas acadêmicas que tangenciavam o assunto.

Quando do falecimento do professor Maurício Abreu<sup>1</sup>, grande referência não só da Geografia mas também dos estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro, a disciplina “Geografia do Rio de Janeiro” ficou sem lente responsável. Para Ana, professora do departamento desde 1994, era quase que inadmissível que os alunos da Geografia da UFRJ concluíssem a graduação, seja no Bacharelado ou na Licenciatura, sem terem a oportunidade de se dedicar a olhar, pensar e estudar a cidade do Rio de Janeiro em uma disciplina própria. Assim, tomou para si a tarefa de oferecer o curso para os graduandos da casa. Queria pensar a cidade e queria que outros pensássemos juntos com ela. Abriu curso uma vez em 2012 e outra em 2013. E, após um hiato, no período 2018.2, a disciplina IGG 613 “Geografia da Cidade do Rio Janeiro” voltou a ser uma escolha possível, como uma Disciplina Optativa de Escolha Condicionada, aberta a discentes da Geografia e de outros cursos.

Quando iniciamos esse processo de remontagem do curso para 2018, na concepção da ementa havia um problema imediato: como falar sobre o Rio de Janeiro, essa cidade tão múltipla, extensa e densa em somente 15 encontros? Pode-se dizer que a saída foi construída a muitas mãos: além de usarmos propostas de cursos anteriores, tanto da professora Ana quanto do próprio professor Maurício de Abreu, o documento “final” só realmente se completou perto do encerramento do curso, dadas as constantes inclusões e modificações realizadas a partir de sugestões dos próprios alunos e das descobertas de novos textos, livros, filmes, músicas e outros materiais de apoio. A estrutura final manteve-se parecida com as outras vezes que o curso foi dado: uma primeira parte dedicada a tratar das mudanças ocorridas na cidade desde sua fundação em uma ordem cronológica e uma segunda parte, que abordava temas importantes em aulas específicas, como a relação da cidade com a natureza, as desigualdades e conflitos urbanos, a questão da habitação e as remoções, a construção e circulação de imagens e identidades da cidade.

A seleção de textos mesclava uma valorização de clássicos da geografia sobre a cidade, inclusive das professoras Lysia Bernardes e Maria Therezinha Segadas Soares, com a obra de Maurício de Abreu sendo um fio condutor. Mas, para dialogar com os geógrafos, toda aula previa um texto de um autor de outra disciplina. Assim, lemos historiadores, sociólogos, antropólogos, urbanistas conjuntamente. O material de apoio diversificado era outra marca dos cursos de Ana: músicas, poemas, romances, contos, fotos, filmes, curtas, quadros, exposições e eventos que aconteciam na cidade ou falavam sobre a cidade. Essa pluralidade de autores, tipos de obra e pontos de vista, mais do que exemplo da diversidade da produção sobre o Rio, era necessária: para Ana era impossível pensar a capital carioca sem o subsídio desse conjunto heterogêneo que permitia um questionamento mais amplo, fugindo da tentação de lugares-comuns.

O trabalho final do curso tinha como objetivo não só quantificar a capacidade de apreensão e rememoração de informações dos alunos, mas fazer com que eles enxergassem a cidade em que habitavam, ou ao menos pela qual transitavam, com olhos mais críticos, isto é, que fizessem perguntas geográficas sobre esse cotidiano vivido, com auxílio da bibliografia geral e das discussões do curso, além de indicações personalizadas de materiais a partir dos interesses de cada grupo. O resultado esperado era que, mesmo se não conseguissem responder tais questões, ao menos que qualificassem a forma com que questionavam e pensavam a cidade. Havia um desejo de fomentar a capacidade de

estranhamento do que seria “normal”, de provocar a possibilidade de deslocar o olhar, assim como de indicar a enorme variedade de fontes e de análises sobre o Rio de Janeiro.

Após as aulas, principalmente no primeiro bloco do curso, aquele que versava sobre a história da cidade, era comum irmos à biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Geografia (Biblioteca Maurício Abreu) junto com os alunos. Ali, debruçados em mapas históricos da cidade e imagens do Rio Antigo, localizávamos o que fora discutido no momento anterior<sup>2</sup>. Podíamos mostrar a evolução da ocupação da cidade, a disposição dos prédios e o arruamento que por vezes permaneceu e era reconhecido, como também, por outro lado, as intensas e constantes mudanças no sítio urbano. Porém, mais do que isso, já que o mesmo poderia ser feito em sala, trazendo o material, o que estava em jogo era a oportunidade de, juntos com os alunos, descobrir as maravilhas na coleção do professor Maurício Abreu<sup>3</sup> sobre a cidade, tanto de títulos famosos e consagrados, como de interessantes desconhecidos. A ida a biblioteca era, assim, mais uma forma de incentivar a curiosidade de explorar o Rio de Janeiro, ainda que sob a forma de visita à sua documentação.

Outra forma de deslocamento para conhecer melhor o Rio de Janeiro foi a ida a campo, na área central da cidade. Começando na Biblioteca da Maison de France, perto do antigo Morro do Castelo, andando até a Praça Mauá, pegando o VLT para a Cinelândia e terminando no Passeio Público/Lapa, o percurso compreendia 13 pontos num trajeto que nos levava do espaço histórico da fundação até os dias atuais. O campo era mais uma experiência que a professora considerava necessária para a realização do curso. A importância que Ana dava à ida ao terreno era enorme: ela não servia apenas para exibir e ilustrar o que fora discutido em sala, mas também para apresentar a cidade, aguçar a capacidade do olhar e, na experiência empírica, levantar mais questões. Havia uma certeza de que o campo proporcionaria um tipo de conhecimento distinto, algo claro para a professora, que trabalhou em inúmeros campos de diferentes áreas do conhecimento, como o que realizou em Sobradinho sobre os efeitos da expropriação de terras camponesas pelo Estado para construção de barragens, sob a coordenação de Lygia Sigaud. Ana chamava atenção a tudo: à materialidade dos edifícios (estilo, material de construção), às árvores (espécie, ano de introdução, manutenção, interação com a biota local). Tudo virava pergunta a ser anotada no caderno de campo ou, caso alguém soubesse a resposta, em informação compartilhada, que permitiria uma pesquisa posterior e mais descobertas.

Mais uma vez, a aula ali era não só uma exposição do que se sabia, mas verdadeiramente o conhecimento em construção a partir da ida a campo, o ato de se perguntar o porquê das coisas serem o que eram, estarem onde estão. Um estímulo a elaborar novos questionamentos e buscar caminhos para desenvolvê-los.

A posição tomada pela professora de não ter todas as respostas, junto ao entusiasmo de procurar, estimulava que todos elaborassem perguntas e sugerissem respostas, debatidas posteriormente nas aulas e registradas nas cadernetas de campo e nos trabalhos finais. Uma posição de naturalização da incompletude do conhecimento, que permitia o surgimento da dúvida ou mesmo o convite para aulas e palestras de outros que se especializavam em tais assuntos, como uma aula aberta dada por seu colega, o professor Rafael Winter Ribeiro, sobre o Rio de Janeiro como paisagem cultural.

Era interessante esse convívio no qual o cotidiano tornava-se um tempo-espaço de desdobramento da disciplina. Nas voltas da ilha do Fundão após as aulas, conversávamos sobre o andamento do curso, sobre nossas impressões das discussões, sobre novos materiais a serem incorporados ou retirados da ementa. Ao mesmo tempo que, passando pela Linha Vermelha, as obras de remodelação do Porto ou o bairro do Caju, assuntos que tinham sido abordados em sala, ou que seriam nas aulas seguintes, nos apareciam como evidências. Como em um dia de chuva que provocou uma subida de água na Leopoldina e trânsito intenso: lembrando da música discutida em aula, presos no engarrafamento, colocamos para tocar “Cidade Lagoa”, de Moreira da Silva, do final dos anos 1950<sup>4</sup>.

Também nessas conversas, a professora externava sua preocupação, e certa irritação, com a tendência “isolacionista” de parte da geografia brasileira, que parece não querer dialogar com as outras disciplinas ou com o exterior e pouco se apresenta quando de discussões transversais e multidisciplinares, necessárias para pensar e agir no mundo contemporâneo. Esse encapsulamento geográfico e “caretece” da disciplina eram temas constantes e a recusa da professora Ana em seguir uma cartilha do que deveria ser lido, estudado e utilizado marcou minha formação. Essas conversas mais gerais sobre a Geografia muitas vezes terminavam com a professora rindo, e dizendo, em tom de brincadeira e meio sarcástico “Mas o que eu sei? Eu sou antropóloga!”.

De fato, a multiplicidade de olhares, de objetos de interesse e de fontes foram características não só do seu discurso, como da sua prática. Isso é atestado na sua formação multidisciplinar, sua participação em organizações de diferentes campos do conhecimento, os eventos que frequentava, as revistas onde publicava, até mesmo sua lotação no departamento, muitas vezes sendo a pessoa responsável em apresentar a Geografia para outros cursos<sup>5</sup>. E, dentro da própria Geografia, tinha o papel em ser um ponto nodal no encontro da disciplina com outras áreas, como, por exemplo, ministrando por muitas vezes a disciplina “Geografia e História” para os geógrafos em formação. Dessa formação variada, e da prática cotidiana de diálogos interdisciplinares, não é de se espantar a ojeriza a certo “umbiguismo” temático e metodológico empobrecedor que cisma em frequentar parte da geografia brasileira. Mais do que somente uma crítica às amarras instituídas, era uma certeza de que a alteridade trazia, além de um fascínio para com o desconhecido, o entusiasmo e a alegria na descoberta e que a produção do conhecimento se dá no contato com o diferente.

Nesse sentido, as aulas eram mais do que momentos expositivos daquilo que já sabíamos e que transmitíamos aos alunos. Se assemelhavam a oficinas, em que o contato com a diversidade, com autores heterogêneos, com o citado material de apoio eclético, até mesmo com as distintas vivências e questões dos alunos para com a cidade, virava subsídio potente para repensá-la, provocando o estranhamento necessário para observar o Rio de Janeiro de uma outra maneira, que possibilitasse a produção de conhecimento sobre a capital carioca. Posso dizer, portanto, que não foi somente uma aproximação temática que nos juntou na empreitada, mas também esse fascínio pela descoberta do desconhecido e a certeza da riqueza da diferença. Ana tinha a coragem em trilhar esses caminhos mais limítrofes, de flunar entre diversos campos, de conversar com diferentes interlocutores, com certa indiferença ao julgamento alheio, e mostrar que é desse

processo todo que vem a alegria e o entusiasmo, e que isso é sim pesquisa, extensão e ensino. Tudo isso, somado a uma generosidade no compartilhamento de conhecimento e materiais, me marcou nessa experiência relatada e no nosso convívio.

Quando da reformulação, ou readequação, das ementas das disciplinas do bacharelado e da licenciatura já no ano de 2021, foi pedido à professora Ana que enviasse uma sugestão de ementa com bibliografia para a disciplina IGG 613 “Geografia da Cidade do Rio de Janeiro”. A professora me procurou para discutirmos nossa última ementa, tentando adaptá-la e indicando uma bibliografia mínima obrigatória. Foi justamente nessa troca de e-mails, lembrando de nossas aulas e da construção do curso dado duas vezes que recebi a mensagem que reproduzi na epígrafe do presente texto.

Deixo aqui meu muito obrigado mais uma vez, Ana, pela oportunidade dessas experiências únicas de docência, pela generosidade, pelo convívio instigante e alegre. Só posso concordar que sim, a cidade é um belo campo de reflexão, e, com toda certeza, o seu curso – disciplinar, de carreira e de vida – foi um curso feliz.

## Notas

<sup>1</sup> Maurício de Almeida Abreu (1948-2011) era professor titular do departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tinha como principais temas de pesquisa e docência a Geografia Histórica e a cidade do Rio de Janeiro. Por reconhecimento da relevância de sua obra para Geografia e para a capital fluminense, seu nome é dado tanto para o prêmio de melhor tese da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) quanto para o de melhor tese e dissertação do Instituto Pereira Passos (IPP), órgão da Prefeitura do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Aqui lembro do excelente atlas de Eduardo Barreiros que permitia ver essa sucessão de sincronias ao longo da “flecha do tempo”. Cf. BARREIROS, Eduardo Canabrava, *Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro: ensaio: 1565-1965*, [s.l.]: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1965.

<sup>3</sup> A impressionante Coleção Maurício de Almeida Abreu se originou do acervo pessoal do professor, doado em testamento de mais de 1.500 livros e mapas, dos quais muitos versam sobre a cidade, o passado e, evidentemente, o Rio de Janeiro. Para mais informações ver <https://biblioteca.ppgg.igeo.ufrj.br/colecao-mauricio-de-almeida-abreu/>

<sup>4</sup> A música em questão provocou muitas risadas em aula e também durante o trajeto no carro dela, dada a atualidade: “Basta que chova, mais ou menos meia hora / É batata, não demora, enche tudo por aí / Toda a cidade é uma enorme cachoeira / Que da Praça da Bandeira / Vou de lancha a Catumbi / Que maravilha, nossa linda Guanabara / Tudo enguiça, tudo para / Todo o trânsito engarrafa / Quem tiver pressa, seja velho ou seja moço / Entre n’água até o pescoço / E peça a Deus pra ser girafa”.

<sup>5</sup> Ana Maria Lima Daou foi por muitos períodos a professora do departamento de geografia responsável em lecionar para alunos do curso de Ciências Sociais no campus do IFCS matérias como “Geografia Humana e Econômica”. Também lecionava e participava de pesquisas junto a outros programas como o Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCS/UERJ).